

SETOR DE PELES E DE COUROS DE CAPRINOS E DE OVINOS NO NORDESTE

Luciano J. F. Ximenes

Zootecnista. Doutor em Zootecnia.
Técnico do ETENE/Banco do Nordeste.

Adriana Marques da Cunha

Economista. Doutora em Ciências Econômicas.
Professora da Faculdade de Campinas.
Pesquisadora do NEIT/Instituto de Economia/UNICAMP.

INTRODUÇÃO

A economia de produção de ovinos e de caprinos no Nordeste tem apresentado mudanças nas últimas décadas, em função, dentre outros aspectos, do aumento do consumo e da melhoria da oferta de produtos, especialmente carnes. Apesar dos avanços econômicos e sociais decorrentes do aquecimento do comércio dos produtos cárneos e lácteos, o setor coureiro de caprinos e de ovinos tem sofrido os efeitos de uma conjunção de fatores que resultaram na desvalorização do preço das peles na Região, mesmo considerando suas qualidades industriais, quando outrora era valorizada e representava importante adicional na remuneração do produtor.

Este informe aponta desafios, dentro e fora da porteira, enfrentados pelo setor de curtume e de artefatos, considerando o potencial para aumentos quantitativo e qualitativo da oferta de matéria-prima e a crescente demanda, com vistas à substituição das importações.

PRODUÇÃO ANIMAL

A ovinocultura e a caprinocultura são atividades difundidas no mundo. A versatilidade dos caprinos e dos ovinos às adversidades climáticas é secular, pelo processo de adaptação, seleção natural e também por influência do homem. Os animais tornaram-se cosmopolitas, encontrando-se difundidos mesmo nas regiões mais inóspitas para animais domésticos de produção. Ademais,

85,30% dos caprinos e 54,51% dos ovinos do mundo estão localizados em países com déficit de alimento e de baixa renda, como a Ásia e a África, e provêm alimento de alto valor nutricional a baixo custo (FAOSTAT, 2011).

No Brasil, 90,83% dos caprinos e 56,72% dos ovinos estão no Nordeste, que abriga 92,50% da área semiárida do País. Em 2010, em todas as regiões do Brasil, os efetivos de ovinos foram relativamente maiores que os de caprinos, com cerca de 27 milhões de cabeças, sendo 9,31 milhões de caprinos (34,89%) e 17,38 milhões de ovinos (65,11%). A Região Sul liderava em ovinos, mas com a crise da lã, os produtores modificaram a aptidão dos rebanhos especializados, de lã para corte, e os efetivos reduziram-se em meados da década de 1980. Os rebanhos de ovinos da Região Nordeste têm mantido historicamente sua aptidão para corte, visto que são deslanados, liderando o *ranking* de cabeças no Brasil a partir de 1995/1996. O Rio Grande do Sul é o maior produtor de ovinos, seguido por quatro estados nordestinos que somam 47,41% de todo o efetivo nacional. Em relação aos caprinos, mais versáteis que os ovinos em termos de sobrevivência, Bahia e Pernambuco abrigam conjuntamente metade do rebanho do País (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição dos Rebanhos de Ovinos e de Caprinos no Brasil (2010).

Ovinos				Caprinos			
	Local	Cabeças	(%)			Cabeças	(%)
Brasil		17.380.581	-	Brasil		9.312.784	-
	Nordeste	9.857.754	56,72		Nordeste	8.458.578	90,83
	Sul	4.886.541	28,11		Sul	343.325	3,69
Regiões	Centro-Oeste	1.268.175	7,30	Regiões	Sudeste	233.407	2,51
	Sudeste	781.874	4,50		Norte	164.047	1,76
	Norte	586.237	3,37		Centro-Oeste	113.427	1,22
	Rio Grande do Sul	3.979.258	22,89		Bahia	2.847.148	30,57
	Bahia	3.125.766	17,98		Pernambuco	1.735.051	18,63
	Ceará	2.098.893	12,08		Piauí	1.386.515	14,89
	Pernambuco	1.622.511	9,34		Ceará	1.024.594	11,00
	Piauí	1.392.861	8,01		Paraíba	600.607	6,45
Estados	Paraná	613.934	3,53	Estados	Rio Grande do Norte	405.983	4,36
	Rio Grande do Norte	583.661	3,36		Maranhão	373.144	4,01
	Mato Grosso	549.484	3,16		Paraná	181.984	1,95
	Mato Grosso do Sul	497.102	2,86		Minas Gerais	118.572	1,27
	São Paulo	467.253	2,69		Rio Grande do Sul	103.009	1,11
	Outros	2.449.858	14,10		Outros	536.177	5,76

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal (2011).

DEMANDA E PRODUÇÃO DE COURO

O consumo doméstico de couro em substituição ao material sintético deverá continuar crescendo com a elevação da renda. Isto se reflete na maior utilização de couro por parte de diversas indústrias, como é o caso da indústria automobilística, que reflete o padrão de exigência do cliente e sua opção pelo acabamento em couro. Destaca-se, também, o crescimento da utilização de couro

pela indústria moveleira. No setor de calçados, os brasileiros têm demandado produtos de maior valor agregado, ou seja, calçados com couro legítimo, também decorrente do maior poder aquisitivo da população.

No período de 2005 a 2009, novas indústrias no Nordeste aumentaram a produção e as vendas de couro de ovinos e de caprinos, motivadas pelo crescimento da demanda. No entanto, o valor da produção foi reduzido, especialmente em 2008, por conta da crise mundial. Destaca-se que houve redução do efetivo total motivado pela maior redução de caprinos em relação ao aumento de ovinos, que apresentam pele e rendimento de carcaça de melhor qualidade, comparativamente aos caprinos.

Tabela 2 – Peles Salgadas, Couros Curtidos, Semiacabados ou Acabados de Caprinos e de Ovinos no Nordeste (2005-2009).

Variável	Ano				
	2005	2006	2007	2008	2009
Número de unidades	13	12	12	13	17
Quantidade produzida (m ²)	5.535.448	5.061.446	5.541.376	3.773.250	6.719.328
Valor da produção (mil reais)	194.143	129.699	170.811	107.538	118.302
Quantidade de animais para produção de pele (A)*	14.960.670 a	13.679.584 a	14.976.692 a	10.197.973 a	18.160.346 a
Quantidade vendida (m ²)	12.300.996	11.247.658	12.314.169	8.385.000	14.931.840
Valor das vendas (mil reais)	3.782.845	5.822.901	4.344.360	3.371.764	7.467.926
Efetivos de caprinos e ovinos (B)**	133.071	143.571	132.745	95.611	133.616
	18.652.578	18.993.227	17.919.980	17.893.293	17.869.785

*IOS (2000a) descrito por Jacinto et al. (2007), considerando 0,35 a 0,45 m²/pele, respectivamente.

** Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal (2011).

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Anual Produto (2009).

Ao longo de décadas, vários curtumes artesanais, a maioria informal, instalaram-se no Nordeste, abastecendo o mercado local para fabricação de produtos diversos, especialmente de calçados e peças de artesanato. Informalidade que também se estende a várias atividades ao longo da cadeia produtiva, como transporte, comercialização e abate. No diagnóstico feito pelo ETENE/Banco do Nordeste, o abate dos animais é predominantemente informal e realizado por marchantes, a pele é salgada pelo próprio marchante, produtor ou primeiro atravessador. A partir desse ponto, estabelece-se intrincado percurso por meio de uma rede de negociantes de peles em escala crescente de volume transacionado. O marchante vende pequenos volumes (20 a 70 abates semanais) para comerciante de pequeno porte (lotes de até 500 unidades). Estes são repassados para um intermediário (lotes de 2.000 peles), que, por sua vez, repassa para grandes comerciantes (5.000 peles). Houve casos de grandes comerciantes com lotes de até 20.000 peles. Por fim, são estes últimos que fornecem as peles aos curtumes e à central de compras, sendo que a disponibilidade para o transporte das peles é que determina a capacidade de atuação do comerciante. É usual este intermediário também possuir estrutura para estocar maiores quantidades de peles (NOGUEIRA FILHO et al., 2010).

A qualidade da pele é ponto crítico para pequenos produtores. O manejo inadequado de animais, na desfolha e na conservação antes da comercialização, prejudica a qualidade do produto. As injúrias às peles não são apenas de manejo, o transporte e o abate, especialmente o informal, sem os devidos cuidados na esfolha, respondem por importante parcela na depreciação da pele. A transferência de tecnologias simples, como o uso de faca rombuda ou simplesmente a conservação da pele na forma salgada já seria suficiente para melhorar a qualidade da pele e a remuneração do produtor. A pele salgada já evitaria os danos do processo de espichamento e os custos adicionais de reidratação na indústria.

As peles já tiveram preços atraentes. A substituição por produtos sintéticos e a melhor relação benefício-custo da importação (câmbio favorável e melhor qualidade) de peles pela indústria de transformação fizeram despencar os preços das peles no Nordeste. Em Campina Grande (PB), a preferência pelo sintético não ocorre por acaso, o couro como matéria-prima é muito mais caro. A baixa qualidade do couro local obriga o empresário a comprá-lo de outros estados e países, encarecendo ainda mais o produto. Há maior desperdício do couro natural em relação ao sintético, advindo das falhas de cortes e até mesmo de cortes na superfície do material. Paralelamente, a produção do sintético está cada vez mais desenvolvida, fornecendo material de qualidade para a indústria calçadista, que consegue substituir o couro sem grandes perdas de qualidade no produto final e por preço que, na maioria das vezes, corresponde à metade do preço do couro natural. O preço do couro variava entre 40 e 50 R\$/m², enquanto o sintético era de 20 a 30 R\$/m². As perdas existentes no processo de produção que utiliza o couro sintético são mínimas, pois, além de ser vendido em cortes bem definidos, não possui falhas na superfície (FRANÇA et al., 2007). Exemplos de ausência de manejo adequado de couros naturais são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 – Principais Defeitos(1) em Peles de Caprinos e Ovinos, Registrados no Curtume Cobrasil, Parnaíba, Piauí

Defeito	Pele	
	Seca (n = 3.900)	Salgada (n = 6.550)
Bexiga	3	3
Perfuração por espinho	3 – 4	2 – 3
Cicatriz	4 – 5	4 – 5
Esfola – corte por faca	3 – 4	3 – 4
Conservação:		
- Mancha por fermentação	2 – 3	2 – 3
- Ressecamento	3	0
- Ardimento	5	0

(1) Defeitos antes do processamento.

Escala: 0 = ausência de defeitos; 5 = alta frequência de defeitos.

Fonte: Barros et al. (1994).

A melhor interação entre os pecuaristas e os curtumes poderia substituir ou reduzir as importações de peles/couros pelo produto regional, que, se manejado adequadamente, tem melhor

qualidade que os produtos importados. O fato da pele não ter importância econômica na venda do animal para o abate mantém a situação atual de preços e qualidade baixos. Não há incentivo, portanto, para a melhoria da qualidade. A situação atual é de comodismo. Mesmo quando o abate é inspecionado e as peles de qualidade são comercializadas com melhor preço (R\$ 7,00/unidade) do que pela via informal (R\$ 4,50/unidade), este ganho não se traduz necessariamente em melhores ganhos para o frigorífico, visto que os custos do frigorífico são significativamente superiores aos do marchante ou do abatedouro clandestino (NOGUEIRA FILHO et al., 2010).

Até 2003/2004, as peles eram comercializadas a preços que, juntamente com a venda da carcaça, permitiam aos marchantes, abatedouros e frigoríficos efetuarem a reposição do animal abatido. Alguns marchantes afirmaram em entrevista que, até aquele ano, a comercialização da pele representava o lucro da atividade de abate e venda das carnes ovina e caprina. Em setembro de 2004, os curtumes pagavam R\$ 11,00 pela pele caprina e R\$ 16,00 pela ovina. Em 2010, os preços pagos aos criadores estão reduzidos. As peles de caprinos estão cotadas a R\$ 6,00 e as peles de ovinos a R\$ 8,00, enquanto os preços pagos ao produtor estavam em torno de R\$ 4,00 e R\$ 5,50, respectivamente. Nesse sentido, observa-se que os abatedouros não são estimulados a investir objetivando aprimorar as técnicas de esfolagem e conservação de peles (NOGUEIRA FILHO et al., 2010).

BALANÇA COMERCIAL

No período de 2007 a 2011, o comércio externo brasileiro de peles e couros de caprinos e de ovinos apresentou instabilidade (em quantidade e valor), como consequência da conjuntura econômica mundial, como a crise americana e europeia neste período. O déficit comercial brasileiro em peles de caprinos e de ovinos foi de 1,27 mil toneladas em 2011, com envio de US\$ 7,05 milhões em termos líquidos para o exterior. Pós-crise de 2008/2009, houve recuperação das exportações dos produtos caprinos e ovinos em US\$ 4,72 milhões (variação de 184,12%) e redução das importações de 4,55 milhões (variação de -24,58%) entre 2010 e 2011. Também, em termos de volume exportado (Kg), o incremento foi de 88,60%, representando acréscimo de cerca de 300 mil unidades. Em relação a todo o período analisado, tem sido predominante a participação dos ovinos em relação aos produtos dos caprinos, tanto em termos de volume como em valor (Tabela 4).

Tabela 4 – Balança Comercial Brasileira de Couros e Peles de Caprinos e de Ovinos (2007 a 2011).

Variável	Espécie	Discriminação	2007	2008	2009	2010	2011	Variação de 2010 a 2011 (%)
Exportação	Caprino	Kg	146.368	129.374	1.053.000	28.429	89.092	213,38
		Qtde	103.358	66.179	258.533	163.003	213.242	30,82
		US\$	933.519	619.353	1.182.129	360.511	891.320	147,24
		US\$/Kg	6,38	4,79	1,12	12,68	10,00	-
	Ovino	Kg	809.693	530.283	357.399	290.919	513.199	76,41
		Qtde	594.764	432.484	244.915	132.867	396.637	198,52
		US\$	7.591.283	5.885.276	2.540.834	2.068.387	6.009.730	190,55
		US\$/Kg	9,38	11,1	7,11	7,11	11,71	-
	Subtotal	Kg	956.061	659.657	1.410.399	319.348	602.291	88,60
		Qtde	698.122	498.663	503.448	295.870	609.879	106,13
US\$		8.524.802	6.504.629	3.722.963	2.428.898	6.901.050	184,12	
Importação	Caprino	Kg	1.114.449	1.153.385	336.624	531.419	268.036	-49,56
		Qtde	1.116.784	1.010.895	284.913	465.596	288.466	-38,04
		US\$	12.077.374	10.686.973	2.781.910	4.402.861	3.172.455	-27,95
		US\$/Kg	10,84	9,27	8,26	8,29	11,84	-
	Ovino	Kg	3.248.559	3.515.995	1.871.530	2.912.330	1.607.003	-44,82
		Qtde	1.975.222	1.644.992	419.973	1.233.382	358.412	-70,94
		US\$	25.156.745	19.133.273	6.253.233	14.098.277	10.780.391	-23,53
		US\$/Kg	7,74	5,44	3,34	4,84	6,71	-
	Subtotal	Kg	4.363.008	4.669.380	2.208.154	3.443.749	1.875.039	-45,55
		Qtde	3.092.006	2.655.887	704.886	1.698.978	646.878	-61,93
US\$		37.234.119	29.820.246	9.035.143	18.501.138	13.952.846	-24,58	
Saldo	Caprino	Kg	-968.081	-1.024.011	716.376	-502.990	-178.944	-
		Qtde	-1.013.426	-944.716	-26.380	-302.593	-75.224	-
		US\$	-11.143.855	-10.067.620	-1.599.781	-4.042.350	-2.281.135	-
	Ovino	Kg	-2.438.866	-2.985.712	-1.514.131	-2.621.411	-1.093.804	-
		Qtde	-1.380.458	-1.212.508	-175.058	-1.100.515	38.225	-
		US\$	-17.565.462	-13.247.997	-3.712.399	-12.029.890	-4.770.661	-
	Total	Kg	-3.406.947	-4.009.723	-797.755	-3.124.401	-1.272.748	-
		Qtde	-2.393.884	-2.157.224	-201.438	-1.403.108	-36.999	-
		US\$	-28.709.317	-23.315.617	-5.312.180	-16.072.240	-7.051.796	-

Nota: NCM: 41021000 a 41022900; 41051010 a 41053000; 41061100 a 41062200.

Fonte: AliceWeb2/SECEX/MDIC (2012).

No mesmo período, os produtos comercializados com o exterior foram a pele salgada (para conservação até o curtume), o couro *wet blue* (primeira fase de processamento que transforma a pele em couro) e o couro *crust* (seco semiacabado, agregado de propriedades físicas e mecânicas desejáveis). Nesta ordem de beneficiamento, os couros atingem melhores cotações no mercado internacional. As exportações de *wet blue* foram predominantes, cuja receita acumulada no período superou US\$ 24,34 milhões, equivalente a 3,61 mil toneladas. Observa-se, também, o crescimento das vendas do couro semiacabado (*crust*) e a valorização de sua cotação após 2009. Em 2011, a quantidade de pele salgada exportada foi cerca de seis vezes maior que a de couro semiacabado. Contudo, devido à melhor cotação do semiacabado comparada à da pele salgada, a diferença monetária em favor do produto manufaturado foi de US\$ 400 mil. Quanto às importações, houve queda na quantidade e no valor para *wet blue* e *crust*. No caso da pele salgada, houve aumento de quantidade e de valor das importações, assim como de preço médio de importação (de 3,64 para 6,40 US\$/kg), que se manteve abaixo dos preços dos demais produtos importados. Com a demanda

aquecida por produtos à base de couro e baixa oferta nacional de matéria-prima, o déficit brasileiro em pele salgada, em 2011, atingiu 1,08 mil toneladas (ou 84,69% do déficit total em termos de volume) no valor de US\$ 7,25 milhões. No mesmo ano, os déficits em couro *wet blue* e *crust* alcançaram, respectivamente, 11,08% e 4,24% do total, em termos de quantidade (Tabela 5).

Tabela 5 – Balança Comercial Brasileira de Couros e Peles de Caprinos e de Ovinos por Tipo de Produto (2007 a 2011).

Variável	Produto	Kg/US\$	2007	2008	2009	2010	2011	Participação (%) 2011
Exportação	Pele salgada	Kg	4.177	14.623	0	148.995	73.967	12,28
		US\$	52.867	71.096	0	94.218	120.821	1,75
		US\$/Kg	12,66	4,86	-	0,63	1,63	-
	Semiacabado (<i>crust</i>)	Kg	37.230	19.317	10.875	11.008	12.781	2,12
		US\$	1.537.195	656.701	342.757	297.538	534.358	7,74
		US\$/Kg	41,29	34,00	31,52	27,03	41,81	-
	<i>Wet blue</i>	Kg	914.654	625.717	1.399.524	159.345	515.543	85,6
		US\$	6.934.740	5.776.832	3.380.206	2.037.142	6.245.871	90,51
		US\$/Kg	7,58	9,23	2,42	12,78	12,12	-
	Total	Kg	956.061	659.657	1.410.399	319.348	602.291	-
US\$		8.524.802	6.504.629	3.722.963	2.428.898	6.901.050	-	
Importação	Pele salgada	Kg	1.073.972	1.199.990	1.314.966	1.412.623	1.151.815	61,43
		US\$	3.911.462	3.000.943	2.906.675	3.798.757	7.376.110	52,86
		US\$/Kg	3,64	2,50	2,21	2,69	6,40	-
	Semiacabado (<i>crust</i>)	Kg	441.069	224.421	41.200	126.544	66.692	3,56
		US\$	14.879.751	6.476.014	1.009.885	3.180.301	1.868.840	13,39
		US\$/Kg	33,74	28,86	24,51	25,13	28,02	-
	<i>Wet blue</i>	Kg	2.847.967	3.244.969	851.988	1.904.582	656.532	35,01
		US\$	18.442.906	20.343.289	5.118.583	11.522.080	4.707.896	33,74
		US\$/Kg	6,48	6,27	6,01	6,05	7,17	-
	Total	Kg	4.363.008	4.669.380	2.208.154	3.443.749	1.875.039	-
US\$		37.234.119	29.820.246	9.035.143	18.501.138	13.952.846	-	
Saldo	Pele salgada	Kg	-1.069.795	-1.185.367	-1.314.966	-1.263.628	-1.077.848	84,69
		US\$	-3.858.595	-2.929.847	-2.906.675	-3.704.539	-7.255.289	-
	Semiacabado (<i>crust</i>)	Kg	-403.839	-205.104	-30.325	-115.536	-53.911	4,24
		US\$	-13.342.556	-5.819.313	-667.128	-2.882.763	-1.334.482	-
	<i>Wet blue</i>	Kg	-1.933.313	-2.619.252	547.536	-1.745.237	-140.989	11,08
		US\$	-11.508.166	-14.566.457	-1.738.377	-9.484.938	1.537.975	-
	Total	Kg	-3.406.947	-4.009.723	-797.755	-3.124.401	-1.272.748	-
		US\$	-28.709.317	-23.315.617	-5.312.180	-16.072.240	-7.051.796	-

Nota: NCM: 41021000 a 41022900; 41051010 a 41053000; 41061100 a 41062200.

Fonte: AliceWeb2/SECEX/MDIC (2012).

Há concentração tanto de destino das exportações brasileiras de couros e peles de caprinos e de ovinos quanto de origem de suas importações. Em 2010, três países foram responsáveis por 70,00% do valor mundial das exportações brasileiras do total de apenas onze destinos (Tabela 6).

Tabela 6 – Brasil: Destino das Exportações e Origem das Importações de Couros e Peles de Caprinos e de Ovinos e de Calçados (2010).

Exportação				Importação				Importação de calçados ⁽¹⁾			
País	KG	US\$	US\$ (%)	País	KG	US\$	US\$ (%)	País	KG	US\$	US\$ (%)
China	85.990	1.100.354	45,30	Nigéria	901.527	5.136.897	27,77	Vietnã	1.306.694	27.397.411	32,75
Itália	22.010	318.231	13,10	Espanha	469.207	3.622.814	19,58	China	785.269	16.648.493	19,90
Hong Kong	10.679	281.921	11,61	Uruguai	846.227	2.274.340	12,29	Indonésia	656.426	16.014.839	19,14
Finlândia	22.420	251.088	10,34	Itália	138.593	2.062.243	11,15	Itália	54.684	6.962.724	8,32
México	17.035	181.132	7,46	Austrália	377.800	1.106.958	5,98	Taiwan	206.148	6.157.344	7,36
Indonésia	10.506	159.014	6,55	Bangladesh	32.775	744.650	4,02	Tailândia	119.072	2.774.694	3,32
Uruguai	148.995	94.218	3,88	China	112.350	670.881	3,63	Índia	127.501	2.475.377	2,96
Alemanha	1.364	25.030	1,03	Quênia	65.698	443.233	2,40	Espanha	15.466	1.070.986	1,28
Nicarágua	293	15.240	0,63	Argentina	34.739	433.652	2,34	Argentina	23.527	854.954	1,02
França	16	1.494	0,06	Argélia	85.675	428.932	2,32	Coreia do Sul	29.068	486.120	0,58
Estados Unidos	40	1.176	0,05	Outros	379.158	1.576.538	8,52	-	-	-	-
Mundo	319.348	2.428.898		Mundo	3.443.749	18.501.138		-	-	-	-

Nota: NCM: 41021000 a 41022900; 41051010 a 41053000; 41061100 a 41062200.

(1) Não identificada a espécie, o que pode incluir couro de bovinos, caprinos, ovinos etc.

Fonte: AliceWeb2/SECEX/MDIC (2011).

No mesmo ano, os principais clientes do Brasil foram a China, em termos monetários, e o Uruguai, em termos quantitativos. A China teve como item principal de importação o couro ovino curtido (*wet blue*) brasileiro, enquanto o Uruguai, a pele salgada de ovinos. Em relação às importações brasileiras de couros e peles de caprinos e de ovinos, 70,79% do valor total se concentraram em apenas quatro países fornecedores: Nigéria, Espanha, Uruguai e Itália. Considerando as importações brasileiras de calçados, os maiores fornecedores foram: Vietnã, China, Indonésia e Itália, que somaram 80,12% (US\$ 67,02 milhões) do valor total importado pelo Brasil em 2010. Dentre os 10 maiores fornecedores de calçados para o Brasil, apenas Itália, Espanha e Argentina não fazem parte do continente asiático. Esses três países somaram em vendas US\$ 8,89 milhões, o que representou 10,63% do total comprado pelo Brasil em 2010.

Segundo editorial da Courobusiness:

[...] A “China é a saúva da indústria de calçados brasileira” e os governos aplicam medidas que parecem placebos mal indicados. O Brasil demorou na aplicação de salvaguardas contra a importação de calçados da China (US\$ 13,85/par), que não surtiu o efeito desejado por conta das “triangulações” (2011, Ed. 76, n.3.).¹

¹ **Triangulação** é a denominação de casos em que, após aplicação de uma medida de antidumping contra um determinado país, verifica-se a revenda do produto objeto, com pequenas alterações, procedentes de outros países. Estas práticas também dizem respeito a situações em que ocorre a mera montagem, em terceiro país, com partes, peças ou componentes do país sujeito à medida de defesa comercial ou ainda quando esta mera montagem seja realizada no Brasil (Fonte: ABInforma, n.233, Nov. 2010).

Ainda de acordo com o editorial, com esta sobretaxa, a importação de calçados da China caiu de 6,81 para 6,22 milhões de pares no primeiro trimestre de 2011. Em compensação, a importação do Vietnã subiu de 1,64 para 2,89 milhões de pares no mesmo período. Aumentou também a importação da Malásia, de Hong Kong (que não têm fábrica de calçados) e outros. O editorial alertou para o fenômeno da importação de calçados por partes, segundo o qual o importador recebe o cabedal e o solado separados e completa o produto com uma operação de colagem.

Os dados do comércio externo brasileiro de couros e peles de ovinos e de caprinos, assim como de calçados, mostram, portanto, a preocupante situação da indústria brasileira, que sofre com o acirramento da concorrência internacional, principalmente asiática, em contexto de valorização da moeda nacional.

BALANÇA COMERCIAL: NORDESTE

O Nordeste tem se destacado na exportação brasileira de couros de caprinos e de ovinos, visto que abriga os maiores efetivos comparativamente a outras regiões do País (Tabela 1). Nos últimos cinco anos, 2007 a 2011, o Nordeste foi responsável por 91,48% de toda a exportação de couros do País, seguido de longe pelas regiões Sul (7,63%) e Centro-Oeste (0,89%), representando 3,87 mil toneladas de peles salgadas e couros. Quanto às importações, no mesmo período, a região Sul foi majoritária em quantidade (73,20%) e valor (73,06%), seguida pelo Nordeste (24,66% e 24,63%, respectivamente). No acumulado do período, todas as regiões importaram 16,56 mil toneladas de peles e couros, no valor de US\$ 108,54 milhões. Em 2011, o Nordeste exportou quase meio milhão de kg (82,29%) totalizando US\$ 6,21 milhões. Destaca-se que a Região Nordeste teve superávit de cerca de 370 mil kg de peles/couros com receita líquida de US\$ 5,25 milhões, o Sudeste também foi superavitário, enquanto a Região Sul teve déficits de 580 mil kg e de US\$ 12,30 milhões (Tabela 7).

Tabela 7 – Quantidade e Valor das Exportações Brasileiras de Pele/Couro de Caprinos e de Ovinos por Região (2007 a 2011).

Item	Kg/US\$	Região	2007	2008	2009	2010	2011	Participação (%) 2011	Participação (%) 2007-2011
Exportação	Kg	Centro-Oeste	34.395	0	0	0	0	0,00	0,89
		Nordeste	848.079	633.922	1.408.395	160.114	495.635	82,29	91,48
		Sudeste	0	0	0	12	22	0,00	0,00
		Sul	11.983	16.055	1.947	159.222	106.634	17,70	7,63
	US\$	Centro-Oeste	278.011,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,06
		Nordeste	6.567.624,00	6.047.261,00	3.695.909,00	2.084.346,00	6.211.282,00	90,00	93,56
		Sudeste	0,00	0,00	0,00	352,00	1.130,00	0,02	0,01
		Sul	249.721,00	111.934,00	20.259,00	344.200,00	688.638,00	9,98	5,38
Importação	Kg	Nordeste	1.593.455	1.340.401	456.186	565.818	128.030	6,83	24,66
		Sudeste	196.515	89.193	38.824	29.570		0,00	2,14
		Sul	2.573.038	3.239.786	1.713.144	2.848.361	1.747.009	93,17	73,20
	US\$	Nordeste	11.373.531,00	8.979.698,00	2.064.176,00	3.353.724,00	965.776,00	6,92	24,63
		Sudeste	1.455.113,00	520.331,00	299.500,00	233.510,00		0,00	2,31
		Sul	24.405.475,00	20.320.217,00	6.671.467,00	14.913.904,00	12.987.070,00	93,08	73,06
Saldo	Kg	Centro-Oeste	34.395	0	0	0	0	-	-
		Nordeste	-745.376	-706.479	952.209	-405.704	367.605	-	-
		Sudeste	-196.515	-89.193	-38.824	-29.558	22	-	-
		Sul	-237.738	-95.879	-18.312	-184.978	-582.004	-	-
	US\$	Centro-Oeste	278.011,00	0,00	0,00	0,00	0,00	-	-
		Nordeste	-4.805.907,00	-2.932.437,00	1.631.733,00	-1.269.378,00	5.245.506,00	-	-
		Sudeste	-1.455.113,00	-520.331,00	-299.500,00	-233.158,00	1.130,00	-	-
		Sul	-24.155.754,00	-20.208.283,00	-6.651.208,00	-14.569.704,00	-12.298.432,00	-	-

Nota: NCM: 41021000 a 41022900; 41051010 a 41053000; 41061100 a 41062200.

Fonte: AliceWeb2/SECEX/MDIC (2012).

Dentre os estados nordestinos exportadores de peles e couros de caprinos e de ovinos (Bahia, Ceará, Pernambuco e Piauí), a Bahia era historicamente o principal exportador, mas foi o mais afetado pelos fatores relacionados à crise econômica mundial de 2008, com quedas consecutivas de suas exportações. Ceará e Piauí também sentiram os efeitos da crise, enquanto Pernambuco manteve-se ileso. Comparando-se os anos de 2007 (antes da crise) e 2011, observou-se que Piauí, Ceará e Pernambuco apresentaram importantes crescimentos de suas exportações, com destaque para o Piauí que aumentou o volume líquido (Kg) de suas exportações em cerca de dez vezes, assim como o valor das vendas (US\$). Enfim, apesar da recuperação de mercado dos estados citados, a importância que a Bahia representa para o Nordeste em termos absolutos, fez com que a Região, em 2011, ainda apresentasse déficit de sua balança comercial. Perduraram, portanto, os efeitos negativos da crise mundial iniciada em 2008, das dificuldades de recuperação, principalmente das economias americana e europeia, que persistiram em 2011, prejudicando o volume e os preços das vendas dos produtos brasileiros, com reflexos distintos entre os estados exportadores (Figura 1).

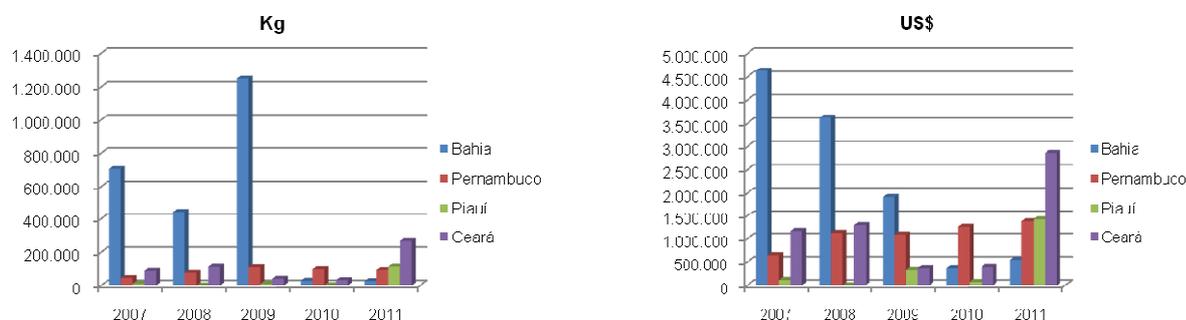


Figura 1 – Quantidade (em Kg à esquerda) e Valor (em US\$ à direita) das Exportações Brasileiras de Pele/Couro de Caprinos e de Ovinos por Estado da Região Nordeste (2007 a 2011).

Nota: NCM: 41021000 a 41022900; 41051010 a 41053000; 41061100 a 41062200.

Fonte: AliceWeb2/SECEX/MDIC (2012).

O Nordeste é predominantemente exportador de matéria-prima e os importadores agregam valor ao produto no processo de acabamento do couro e na produção de manufaturados (calçados, vestuários, artigos para móveis e automóveis) (Tabela 8). O papel do Nordeste brasileiro neste contexto é o mesmo de outros países de clima tropical (América do Sul e Ásia), pelas maiores ofertas de matéria-prima e de mão de obra, comparativamente aos países desenvolvidos, que se especializaram na produção de artigos de luxo, como a Itália. A Ásia, apesar de grande produtora de couro, tem se destacado na aquisição de *wet blue* de outros países produtores e em sua transformação em produtos de maior valor agregado a preços mais competitivos. Como exemplo, a China importa do Brasil o couro *wet blue* e o transforma em calçados. Além disso, o Brasil conserva a primeira fase de produção do couro, da pele salgada para o *wet blue*, que é o mais oneroso ao meio ambiente pelo uso do cromo (que imprime no couro a cor azulada e textura molhada), motivo de preocupação mundial e de inúmeros conflitos com órgãos ligados ao meio ambiente e com a sociedade local em relação à indústria. Ao pular esta etapa, a China se exime deste problema, o ônus ambiental fica com o Brasil. Felizmente, nos dois últimos anos, apesar das crises econômicas mundiais e das limitações dentro e fora da porteira do Nordeste brasileiro, o avanço foi significativo para o comércio externo brasileiro de peles e couros. Entre 2010 e 2011, o Nordeste mais que duplicou as vendas e as receitas obtidas no mercado externo.

Tabela 8 – Balança Comercial do Nordeste para Couros e Peles de Caprinos e de Ovinos (2010)

Estado/Produto	2010				2011				Variação (%)			
	Exportação		Importação		Exportação		Importação		Exportação		Importação	
	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$
Bahia	29.030	362.753,00	205.014	1.239.233,00	26.687	553.660,00	35.390	239.728,00	-8,07	52,63	-82,74	-80,66
Wet blue caprino	0	0,00	83.340	608.942,00	5	31,00	-	-	-	-	-	-
Crust ovino	0	0,00	0	0,00	7.809	282.851,00	-	-	-	-	-	-
Wet blue ovino	29.030	362.753,00	60.400	443.010,00	18.873	270.778,00	35.390	239.728,00	-34,99	-25,35	-41,41	-45,89
Salgada ovina	-	-	61.274	187.281,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Ceará	32.435	387.698,00	156	1.834,00	265.695	2.865.220,00	0	0,00	719,16	639,03	-100,00	-100,00
Crust caprino	0	0,00	25	391,00	0	0,00	-	-	-	-	-	-
Wet blue caprino	28.120	343.777,00	131	1.443,00	88.295	848.701,00	-	-	213,99	146,88	-	-
Wet blue ovino	4.315	43.921,00	0	0,00	177.400	2.016.519,00	-	-	4.011,24	4.491,24	-	-
Pernambuco	96.496	1.259.368,00	71.893	262.668,00	91.479	1.375.189,00	0	0,00	-5,20	9,20	-100,00	-100,00
Crust ovino	0	0,00	-	-	129	5.826,00	-	-	-	-	-	-
Wet blue ovino	96.496	1.259.368,00	59.453	232.322,00	91.350	1.369.363,00	-	-	-5,33	8,73	-	-
Salgada ovina	-	-	12.440	30.346,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Piauí	2.153	74.527,00	288.755	1.849.989,00	111.774	1.417.213,00	92.640	726.048,00	5.091,55	1.801,61	-67,92	-60,75
Crust caprino	-	-	833	32.262,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Wet blue caprino	0	0,00	52.660	302.668,00	19	180,00	92.640	726.048,00	-	-	75,92	139,88
Crust ovino	2.153	74.527,00	5.756	205.694,00	2.219	99.062,00	-	-	3,07	32,92	-	-
Wet blue ovino	0	0,00	201.416	1.232.572,00	109.536	1.317.971,00	-	-	-	-	-	-
Salgada ovina	-	-	28.090	76.793,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Total geral	160.114	2.084.346,00	565.818	3.353.724,00	495.635	6.211.282,00	128.030	965.776,00	209,55	198,00	-77,37	-71,20

Nota: NCM: 41021000 a 41022900; 41051010 a 41053000; 41061100 a 41062200.

Fonte: AliceWeb2/SECEX/MDIC (2012).

Com as crises recorrentes dos países desenvolvidos, especialmente os europeus, os países tropicais têm tido participação mais ativa na produção de manufaturados, com destaque para o Brasil. Em 2010, seis países europeus importaram 33,71% dos calçados brasileiros, os Estados Unidos, 27,07%, e a Argentina, 13,33%, somando 74,11% (US\$ 871,01 milhões) (ABICALÇADOS, 2011).

Os desafios para vencer a crise do segmento de transformação de couro são expressivos, passa pela redução de custos e venda de produtos de maior valor comercial, bem como pelo aumento da oferta de peles em escala e qualidade. O Nordeste reúne condições propícias para tornar-se grande produtor de bens manufaturados de couro, demandando, para tanto: crédito de baixo custo para inovações tecnológicas; proteção do mercado interno frente às importações; apoio à qualificação de mão de obra; incentivos fiscais; melhoria de logística; mitigação da burocracia e da elevada carga tributária.

A crise mundial de 2008 agravou a situação do setor de couro, que sofreu com a queda abrupta tanto da demanda quanto da liquidez, impondo grande dificuldade para a obtenção de capital de giro por parte de várias unidades. Algumas empresas do setor, por outro lado, estavam fortemente endividadas em dólares e sofreram com a deterioração rápida de sua solvabilidade na esteira da desvalorização cambial que se seguiu à eclosão da crise. O movimento de fusões e aquisições e de verticalização do setor frigorífico com seus efeitos evidentes sobre o setor de couro deve se refletir nas futuras estatísticas de concentração setorial (CUNHA, 2011).

EMPREGO E RENDA²

Os curtumes do Nordeste se destacaram como grandes empregadores, apresentando, porém, menores níveis de remuneração. Além dos grandes curtumes existem várias curtidoras de pequeno e de médio portes, voltadas principalmente para processamento do couro bovino, mas que trabalham também com peles de caprinos e ovinos, algumas com cem anos de tradição, processando peles com tanino de angico, a exemplo da Cooperativa Artesã, em Cabaçeiros, Paraíba (NOGUEIRA FILHO et al., 2010). O setor de couro mantém a tradição da intensidade no uso de trabalho humano, mas também o emprego gerado ainda continua com baixa qualificação e mal remunerado (CUNHA, 2011). Os curtumes sediados no Nordeste que trabalham com couros de ovinos e caprinos são:

Quadro 1 – Curtumes que Processam Peles de Caprinos e Ovinos no Nordeste.

Estados	Nome da Empresa
Bahia	– Brespel Companhia Ind. BRASIL-Espanha – Campelo Indústria e Comércio Ltda.
Ceará	– Beneficiamento de Couros e Peles Ltda. – CV Couros e Peles Ltda. – J. Recamonde Cia. Ltda.
Paraíba	– Arteza Cooperativa Curtume e Artesãos de Ribeira – INCOPAR – Indústria de Couros Prof. da Paraíba Ltda.
Pernambuco	– Curtume Moderno S/A
Piauí	– Curtume Cobrasil Ltda. – Frigorífico do Piauí Ltda. – Romão Cia. Ltda.

Fonte: Elaboração própria com base em dados fornecidos por Nilo Holtz, Gerência de Inteligência Comercial do CICB, em 23/12/2011.

No período de 2006 a 2009, os segmentos de curtume e de processamento de artefatos continuaram evoluindo na abertura de novas empresas e na contratação de pessoal. Em 2009, pós-crise, os segmentos de preparação de couros e de fabricação de artefatos, no Nordeste, empregavam mais de 126 mil pessoas com carteira assinada em 1.736 unidades de produção/beneficiamento. O segmento do curtimento empregava 5 mil pessoas, o de fabricação de artefatos de couro, 3 mil pessoas, e o de fabricação de calçados quase 116 mil pessoas. No curtimento, estavam contratadas 44 pessoas/curtume, enquanto na fabricação de calçados, cerca de 130 funcionários/empresa, destacando-se, portanto, como setor gerador de emprego à população nordestina (Tabela 9).

² As informações não são específicas de peles, couros e de artefatos de caprinos e ovinos, envolve os mesmos produtos para bovinos.

Tabela 9 – Quantidade de Empresas e de Pessoal Assalariado nos Segmentos de Curtume, de Artefatos de Couro e de Calçados no Nordeste (2006-2009).

Segmentos	Quantidade de Empresas				Pessoal Assalariado			
	2006	2007	2008	2009	2006	2007	2008	2009
Curtimento e outras preparações de couro	140	129	129	121	5.084	4.693	4.800	5.358
Fabricação de artigos para viagem e de artefatos de couro	549	570	599	624	2.794	2.880	3.454	3.169
Fabricação de calçados	806	859	883	915	81.728	99.320	100.227	115.646
Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	58	66	91	75	2.134	2.282	1.996	2.161
Total	1.553	1.624	1.702	1.735	91.740	109.175	110.477	126.334

Nota: inclui bovinos, ovinos e caprinos.

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas (2011).

Dados mais recentes, que compreendem o período pós-crise internacional iniciada em 2008 e seus efeitos somados à crise europeia atual, indicaram impacto negativo na capacidade de geração de emprego pelas empresas do setor analisado, sendo o segmento de curtume o que mais desempregou. De 2008 a 2011 (agosto), as demissões atingiram cerca de 5 mil trabalhadores no Brasil, foram quase 79 mil contratações e 85 mil demissões no segmento de curtimento e outras preparações. Todas as regiões do País reduziram seus quadros de pessoal. Nos segmentos de fabricação de artefatos e de calçados, o saldo foi positivo, mais de 26 mil novos funcionários (Tabela 10).

Tabela 10 – Admitidos e Desligados nos Segmentos de Curtimento e de Fabricação de Produtos de Couro por Regiões (Janeiro de 2008 a Agosto de 2011).

Regiões ⁽¹⁾	Período (anos)											
	2008			2009			2010			2011 (agosto)		
	Admitidos	Demitidos	Saldo	Admitidos	Demitidos	Saldo	Admitidos	Demitidos	Saldo	Admitidos	Demitidos	Saldo
	Curtimento e Outras Preparações⁽²⁾											
N	1.311	1.956	-645	1.504	1.349	155	1.556	1.971	-415	998	1.106	-108
NE	1.576	1.790	-214	1.275	1.378	-103	1.681	1.531	150	1.003	1.033	-30
SE	6.144	8.065	-1.921	5.386	5.509	-123	6.469	6.438	31	3.816	4.631	-815
S	8.053	10.533	-2.480	8.001	7.514	487	10.430	9.553	877	7.048	7.977	-929
CO	2.602	3.368	-766	3.100	2.480	620	3.622	2.972	650	3.766	3.410	356
Subtotal	19.686	25.712	-6.026	19.266	18.230	1.036	23.758	22.465	1.293	16.631	18.157	-1.526
	Fabricação de Bolsas, Calçados e Outros Artefatos de Couro⁽²⁾											
NE	250	181	69	131	144	-13	214	114	100	145	99	46
SE	25.464	22.141	3.323	21.460	16.438	5.022	34.350	23.077	11.273	19.381	18.428	953
S	50.221	53.948	-3.727	42.971	43.729	-758	52.496	47.440	5.056	36.260	28.785	7.475
CO	74.476	81.135	-6.659	59.478	63.707	-4.229	74.875	69.647	5.228	53.685	50.297	3.388
Subtotal	150.411	157.405	-6.994	124.040	124.018	22	161.935	140.278	21.657	109.471	97.609	11.862

(1) Abreviaturas.

(2) Códigos CNAE 2.0 (15.10-6, 15.21-1, 15.29-7 e 15.31-9).

Nota: inclui bovinos, ovinos e caprinos.

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas/ETENE/BNB.

Há, sem dúvida, o desafio da baixa oferta de matéria-prima e de sua qualidade no Brasil, mas também há o elevado custo da mão de obra, que onera sobremaneira os custos de produção das empresas, colocando dificuldades para o crescimento do setor brasileiro de couro. O rendimento médio dos funcionários das empresas do setor analisado aumentou em função apenas da evolução

crescente do valor do salário mínimo definido pelo Governo. Porém, as empresas continuam enfrentando o problema da baixa qualificação da mão de obra. Com o aumento do valor do salário mínimo, eleva-se ainda mais o custo de mão de obra da empresa, cujos encargos trabalhistas são proporcionalmente onerosos, acima de 20% além do salário (Tabela 11). No entanto, os salários médios dos trabalhadores dos segmentos de couro, de artefatos e de calçados, são relativamente mais baixos do que aqueles encontrados na indústria de transformação brasileira (CUNHA, 2011). O próprio processo de produção de couro é simples, não dependente de qualificação de mão de obra para que ocorra o estabelecimento de novas empresas independentemente de seu porte, contribuindo para que a renda média seja relativamente baixa.

Tabela 11 – Salários Médios Mensais nos Segmentos de Curtume, de Artefatos de Couro e de Calçados no Nordeste (2006-2009).

Segmentos	Quantidade de Salários Mínimos				Remuneração Média Mensal (em R\$)			
	2006	2007	2008	2009	2006	2007	2008	2009
Curtimento e outras preparações de couro	2,7	2,1	2,1	2,1	1.008,95	855,12	927,57	1.013,94
Fabricação de artigos para viagem e de artefatos de couro	1,2	1,2	1,2	1,2	399,76	456,97	533,22	575,42
Fabricação de calçados	1,7	1,4	1,5	1,6	616,63	571,72	670,94	728,20
Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	1,1	1,2	1,3	1,3	388,67	461,88	568,01	616,77

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas (2011).

Há diferenças importantes na remuneração entre as regiões brasileiras, sendo que o Nordeste teve a segunda pior remuneração em 2009, para os segmentos de curtume e de fabricação (calçados, bolsas e afins). O Nordeste também ficou aquém da média nacional para os mesmos segmentos (Tabela 12).

Tabela 12 – Remuneração Média nos Segmentos de Curtume, de Artefatos de Couro e de Calçados por Regiões (2009).

Regiões	Curtimento e Outras Preparações	Fabricação de Calçados	Fabricação de Artigos para Viagem e de Artefatos Diversos
Sul	1.129,93	840,97	752,45
Norte	1.029,72	767,54	565,75
Sudeste	1.024,20	910,65	803,87
Nordeste	1.013,94	728,20	575,42
Centro-Oeste	73,23	614,72	615,61
Brasil	1.071,09	817,15	755,02

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas (2011).

Para Kupfer (2010), o setor de couro e de calçados serve de "estudo de caso" para entender à pressão colocada sobre a indústria pela competição chinesa e pelo câmbio valorizado, que encarece as exportações e barateia os bens importados. Por exemplo,

"Os fabricantes de calçados estão no meio de uma reestruturação produtiva, em que há maior peso no *design* e maior valor agregado. Há casos de calçadistas exportando para a China, o que diz muito sobre essa reestruturação. Não é o caso do setor têxtil, onde a matéria-prima é mais cara e precisa ser importada, diferentemente do couro".

A indústria brasileira de couro enfrenta enormes dificuldades para recuperar o desempenho desfavorável de sua produção, emprego e comércio externo, principalmente depois da eclosão da crise mundial. A trajetória descendente de sua produção física, que precedeu a crise, foi agravada no pós-crise. Esta deterioração da produção de couro, que superou a de calçados, tem relação com a forte participação do setor externo como fonte de demanda. Setores dependentes de exportação sofreram com o encolhimento da demanda externa por conta da crise, com fortes efeitos adversos sobre a produção e o emprego. O comércio externo brasileiro de couro deixou transparecer as dificuldades enfrentadas no mercado internacional, assim como o movimento cambial desfavorável às vendas externas brasileiras devido à valorização do real. Houve contração das exportações e significativa deterioração do superávit comercial, principalmente ao longo de 2009, configurando cenário preocupante para a indústria brasileira de couro (CUNHA & BERTASSO, 2009). Enfim, são imperativas políticas destinadas ao aumento da competitividade da indústria nacional frente a outros países exportadores e à redução dos efeitos adversos causados pela apreciação cambial. Propiciar os meios para que a indústria nacional seja mais competitiva é gerar maior número de postos de trabalho, aumentar a renda média da população, gerar divisas, melhorar a arrecadação tributária para que o País possa investir mais.

APLICAÇÕES DO BANCO DO NORDESTE NO SETOR DE CURTUME

A partir da década de 1960, houve o processo de inter-regionalização da produção de calçados a partir do Vale dos Sinos. Para Costa (2002), movimento que se traduziu no deslocamento de fabricantes do Rio Grande do Sul para o Nordeste do País, estimulados por uma política agressiva dos estados nordestinos na concessão de incentivos, particularmente, Ceará e Bahia. Para a indústria, os incentivos permitiriam recuperar rentabilidade e capacitá-las na concorrência externa naquela faixa de mercado em que o Vale dos Sinos vinha perdendo competitividade, pelo efeito cambial e da presença no mercado externo de concorrentes com condições competitivas favoráveis. O Nordeste ofertava impostos mais baixos, incentivos fiscais, salários menores, terras mais baratas, crédito fácil e barato dentre outros (COSTA & FLIGENSPAN, citados por COSTA, 2002).

No apoio financeiro e técnico, o Banco do Nordeste foi criado no sentido do desenvolvimento econômico regional, especialmente do semiárido, subsidiando a geração de renda e de emprego de formas direta e indireta, dirimindo as disparidades econômicas inter-regionais. O Banco do Nordeste é o gestor do Fundo Constitucional do Nordeste (FNE), criado pela Constituição Federal em 1988 e

regulamentado pela Lei nº 7.827, de 27 de setembro de 1989. Estes recursos têm encargos diferenciados (de menor custo) para financiamentos de longo prazo ou de custeio de forma a estimular os investimentos na Região. O Banco do Nordeste atua nas cadeias produtivas das atividades econômicas do Nordeste dentro do ambiente organizacional, assim como ocorre na cadeia produtiva da caprinovinocultura de corte.

Neste sentido, as operações de financiamento têm sido historicamente para o setor rural (pecuária, agricultura e agroindústria). No setor rural, destacam-se os financiamentos para bovinocultura, caprinocultura e ovinocultura, que somados representaram R\$ 1,6 bilhão, 14,4% de todas as contratações de 2011. Nos últimos cinco anos, cerca de R\$ 42,65 milhões foram aplicados pelo Banco do Nordeste em projetos de investimento do setor de curtume. As crises também repercutiram nas aplicações, porque 80% (R\$ 33,28 milhões) do total aplicado em todo o período concentraram-se somente no biênio 2006-2007 (Tabela 13).

Tabela 13 – Aplicações do Banco do Nordeste do Brasil no Setor de Curtume (2006 a novembro de 2011).

Porte do cliente	Ano	Quantidade de Contratos	Valor Contratado (R\$)
Grande	2006	5	17.720.523,38
	2007	1	15.000.000,00
	2009	3	4.850.000,00
	2010	2	1.160.000,00
	2011(até novembro)	6	788.000,00
Grande total		17	39.518.523,38
Médio	2006	1	355.000,00
	2007	1	140.000,00
	2009	1	420.000,00
	2010	1	900.171,35
Médio total		4	1.815.171,35
Pequeno	2006	1	47.984,88
	2007	1	15.000,00
	2009	3	652.137,97
	2010	1	2.000,00
	2011(até novembro)	3	601.240,80
Pequeno total		9	1.318.363,65
Total geral		30	42.652.058,38

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas/ETENE/BNB.

DESAFIOS E SUGESTÕES: CADEIA PRODUTIVA DE COURO, CALÇADOS E ARTEFATOS

Segundo matéria do site FarmPoint (2011), publicada em 2007:

[...] Se a alíquota de importação de peles e couros de ovinos e caprinos fosse zerada (era de 8%), a indústria calçadista dobraria a demanda pelo produto no médio prazo. De acordo com o presidente do Sindicato das Indústrias de Calçados de Franca (Sindifranca), João Donadelli, "está cada vez mais difícil encontrar couro bovino de boa qualidade porque o produtor privilegia o mercado externo". Com a redução da alíquota sobre o couro de ovinos e de caprinos, o Sindifranca estimava que no prazo de seis meses a dois anos as indústrias ampliariam a demanda pelo produto em até três vezes, elevando a participação da matéria-prima na utilização de calçados para 50%. "Os couros ovino e caprino são couros nobres e, ao chegarem mais baratos aos produtores, certamente beneficiarão o setor como um todo", afirmou Donadelli. Para o Presidente do Curtume Campelo, Ronaldo Campelo, "a desoneração facilitaria muito o abastecimento do mercado interno, pois a pele é um produto muito heterogêneo e temos de ir atrás de mercados exportadores que tenham produtos que se adaptem à necessidade do setor calçadista". Hoje a produção interna não atende à demanda das empresas de processamento. Segundo o CICB, a capacidade de produção dessas peles é de 12 milhões de unidades por ano, enquanto a oferta de matéria-prima é de 7 milhões de unidades por ano.

As indústrias de abate/frigorífico e de curtume têm altos custos operacionais, de modo que as soluções para o problema de oferta de matéria-prima devem ter resultados imediatos, pois a ociosidade destas empresas está associada a prejuízo econômico. São alternativas voláteis, sujeitas a efeitos políticos e econômicos intrínsecos das relações entre países. As importações de peles salgadas ou de couro geram emprego e divisas no exterior, evidentemente, então, a solução plausível e de longo prazo urge de uma política de incentivo à produção de matéria-prima regional, do aumento da produção de caprinos e de ovinos, atividades tradicionais, que se confundem com a própria paisagem da Região Nordeste. Apesar da importância econômica e social da caprinocultura e da ovinocultura, não há projeto regional com objetivos e metas robustos que as insiram no mercado formal a ponto de gerar escala de produção para o frigorífico e o curtume. Sendo ou não uma utopia, está instalada a situação de comodismo, salvo raras exceções. Algumas empresas de pesquisa e de assistência técnica do Nordeste foram consultadas, como resultado, também não há nenhuma diretriz ou projeto em relação às peles e couros, da ausência de prioridade devida aos baixos preços pagos ao produtor, muito embora tenham conhecimento da qualidade inquestionável das peles de ovinos e de caprinos para a indústria.

Segundo Nilo Holtz³ (2011), existem cerca de 15 curtumes no Nordeste que processam couros de ovinos e caprinos com produção estimada de 18 mil toneladas/ano. Ele ressaltou que a elevada carga tributária, os altos juros e a excessiva burocracia dos órgãos governamentais são entraves que precisam ser minimizados para estimular a produção interna. O elevado custo do transporte – estradas e portos – também pode ser considerado entrave, segundo ele. O aumento da taxa cambial é fator estimulante para o incremento das exportações de peles.

Outras questões se somam às dificuldades enfrentadas pelo setor nacional, como a baixa qualidade da matéria-prima e a ausência de política de assistência técnica permanente e qualificada dentro da porteira, a pulverização da produção de caprinos e de ovinos, a informalidade da produção vista como atividade de subsistência, a clandestinidade no abate e na comercialização; a baixa escolaridade de produtores e da mão de obra, o alto custo com pessoal, baixo percentual de tributos não recuperáveis (ISS, ITR, ICMS, IPI etc., pagos pelos contribuintes e inseridos no preço de custo), entre outros. Todo este cenário dentro e fora da porteira tem gerado ociosidade nos curtumes. Portanto, é necessária no alto custo de produção e na baixa qualidade dos produtos brasileiros, em decorrência dos fatores acima citados, a comparação com os concorrentes internacionais.

Todos estes fatores limitantes recaem sobre a indústria de curtume e de artefatos de couro, em que a inovação tecnológica por si só não parece ser suficiente para tornar mais competitiva a indústria nacional. Dentro da porteira, as ações não têm sido satisfatórias no Nordeste, entenda-se que o elevado abate clandestino de caprinos e de ovinos, muito próximo da totalidade do abate (risco à segurança alimentar), já é suficiente para limitar o crescimento do setor como um todo, pois no abate clandestino não há cuidados com a pele, sendo necessária a importação de pele *in natura*. O processo é sistêmico.

As dificuldades enfrentadas pelo setor brasileiro de couro têm estimulado frequentes e cada vez mais intensas discussões sobre a necessidade e os instrumentos adequados ao incremento de sua competitividade frente à acirrada concorrência internacional. São necessárias ações permanentes de proteção à indústria nacional, que comecem dentro da porteira, como:

– Dentro da porteira:

- o Aproximação da indústria com o produtor rural, que é a fonte de matéria-prima. Muito embora a taxa de desfrute do sistema extensivo predominante seja baixa, inferior a 30%, os efetivos de caprinos e de ovinos superam 18 milhões de cabeças e a importação de couros/peles foi de 349,80 mil unidades em 2010. Assim, a importação representa apenas 2% do efetivo nacional, que poderia ser atendida pela produção nacional, se fosse incentivada e organizada. Contudo, a demanda do País

³ Informação pessoal (e-mail). Consultor de Inteligência Comercial do Centro das Indústrias de Curtume do Brasil. 22 de dezembro de 2011.

no mesmo ano foi de 1,70 milhão de unidades, 9,28% do efetivo nordestino. Assim, o Nordeste poderia ser o núcleo produtor de peles para o Brasil, peles que se manejadas adequadamente proporcionariam couro de excelente qualidade industrial;

- Desenvolvimento de tecnologias para a produção de peles, além de medidas de redução de custo, deve ser associado à sazonalidade e ao tamanho do mercado de carne. Neste sentido, deve haver programa regional/estadual de aumento do consumo de carne de caprinos e de ovinos e de leite caprino, por meio de marketing e de formalização de alianças para escoamento destes produtos no mercado local, por meio do programa de aquisição de alimentos, para escolas, creches, hospitais etc. Para se tornar fornecedor de alimentos, oportunamente, os produtores seriam orientados em relação a tecnologias de baixo custo para os manejos – alimentar, reprodutivo e sanitário – e, evidentemente, para acompanhamento do abate e da esfolagem do animal nos abatedouros públicos ou privados, além do adequado processo de conservação da pele de modo a evitar danos neste processo.

– Em relação à tecnologia e inovação (CUNHA, 2011):

- Aprimoramento da qualidade e das características naturais do couro, associado à diferenciação do produto, por meio do desenvolvimento da produção e da comercialização de produtos de melhor qualidade e maior valor agregado, atingindo preços mais elevados no mercado internacional;
- Aperfeiçoamento do processo de produção, em termos de utilização de equipamentos mais modernos (principalmente na etapa do corte);
- Desenvolvimento de tecnologias para racionalização e aprimoramento dos processos de produção (como o desenvolvimento de formas mais limpas e eficientes de tratamento do couro, incluindo a redução ou substituição de produtos químicos nocivos ao ambiente, como o cromo);
- Uso mais intensivo de mão de obra mais qualificada e de aumento da escala da produção (especialmente importante para competir em mercados externos), com o objetivo de reduzir desperdícios, aumentar a produtividade, minorar custos e preços e melhorar a qualidade do produto final;
- Elaboração de políticas públicas voltadas para o suporte às pequenas e médias empresas, que não possuem capacidade de gestão, de financiamento e de desenvolvimento da tecnologia, e que apresentam dificuldades de internalização do aprimoramento da qualidade de seus produtos, desonerar a compra de equipamentos e estimular a modernização e sofisticação de produtos e processos. Notadamente aquelas localizadas em importantes polos de produção, que propiciam medidas de apoio aos arranjos produtivos locais⁴;
- Fortalecimento de instituições de pesquisa e de sua interação com empresas e universidades para viabilizar o incremento da capacidade de desenvolvimento de melhores produtos por parte das menores empresas;

⁴ No caso do Nordeste, segundo Portaria do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) no 187, de 31 de novembro de 2006, fica estabelecido na cidade polo de Campina Grande (PB) o APL do setor de couro, calçado e afins. O pólo envolve os municípios de Campina Grande, João Pessoa e Patos, todos do mesmo estado.

- o Desenvolvimento de atividades de promoção, comercialização e de distribuição dos produtos. O fortalecimento do couro brasileiro no mercado interno e externo, por meio de investimentos em programas de divulgação, da consolidação de canais de comercialização e de distribuição dos produtos, assim como sua diversificação, tornaram-se iniciativas crescentemente relevantes no ambiente competitivo.

Deve-se ter cuidado com a questão da tecnologia, pois muitas tecnologias geradas e já difundidas não apresentam viabilidade econômica e são rejeitadas por grande parte dos produtores. Elas envolvem custos que os produtores não podem bancar. Além disso, o preço pago ao produtor tecnologicamente diferenciado pode não compensar o investimento por ele realizado e a decorrente elevação de seus custos. O exemplo de custo elevado seria a troca do arame farpado pelo arame liso da área de pastejo, o que poderia inviabilizar os ganhos econômicos na atividade de criação de animais.

Medidas simples de baixo custo podem contribuir sobremaneira para aumentar a qualidade da pele para a indústria, tais como: o cuidado na desfolia; a salga adequada em detrimento à secagem; o abate precoce dos animais; vacinas e medicamentos via parenteral (não oral) somente no pescoço e atrás da coxa (perna); prevenção de parasitas por meio do manejo adequado do esterco, da água e do uso de vermífugos (ectoparasitários); aquisição de animais somente de produtores idôneos e isentos de doenças, como a linfadenite caseosa (mal do carço) e de sarnas.

Qualificação de produtores e de técnicos quanto às tecnologias de manejo devem promover o trabalho colegiado, criando vantagens decorrentes da organização e da gestão de produtores e da produção. Neste aspecto, torna-se importante a organização da produção para o mercado, superando a informalidade e permitindo o desenvolvimento de um relacionamento mais profissional de cumplicidade entre pecuaristas, técnicos e indústria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABICALÇADOS - Indústria de Calçados do Brasil. **Cartilha Estatística 2011**. Disponível em: <http://www.abicalcados.com.br/estatisticas.html>. Acesso em 14 de dezembro de 2011.
- COSTA, A. B. Estudo da competitividade das cadeias integradas no Brasil: impacto das zonas de livre comércio. Campinas: UNICAMP-IE-NEIT. (Nota Técnica Final). 78p.
- CUNHA, A. M. **Relatório de acompanhamento setorial – indústria de couro**. Campinas: ABDI/NEIT-IE-UNICAMP, 2011.
- COSTA, M. S.; FERREIRA, M. R. L. Desenvolvimento local e participação popular: a experiência do Pacto do Novo Cariri. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v.15, n.56, p.29-48, 2010.
- CUNHA, A. M.; BERTASSO, B. F. **Relatório de acompanhamento setorial – couro e calçados**. Volume IV. Campinas: ABDI/ NEIT-IE-UNICAMP, 19p., 2009.

- FARMPPOINT. Importação de couro ovino e caprino pode dobrar. Disponível em: <http://www.farmpoint.com.br/cadeia-produtiva/giro-de-noticias/importacao-de-couro-ovino-e-caprino-pode-dobrar-37968n.aspx>. Acesso em 14 de dezembro de 2011.
- FRANÇA, P. X. N.; LEITE, V. D.; PRASAD, S. Análise dos impactos socioambientais das micro e pequenas indústrias de calçados instaladas na cidade de Campina Grande. **Revista Econômica do Nordeste**, v.38, n.3, p.432-445, 2007.
- KUPFER, D. Produtividade cresce três vezes mais que os salários na indústria. **Valor Econômico**. Disponível em: <http://www.valor.com.br/arquivo/851599/produtividade-cresce-tres-vezes-mais-que-os-salarios-na-industria>. Acesso em 14 de dezembro de 2011.
- NOGUEIRA FILHO, A.; FIGUEIREDO JÚNIOR, C. A.; YAMAMOTO, A. **Mercado de carne, leite e pele de caprinos e ovinos na área de atuação do BNB**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2010. 128 p. (Série Documentos do ETENE, n.27).

Outros Números do Informe Rural ETENE

ANO 5 – 2011

- Nº 01, Jan 2011 – Produção e Efetivo do Café no Nordeste
- Nº 02, Fev 2011 - Produção e Efetivo do Cacau no Nordeste
- Nº 03, Fev 2011 - Produção e Área Colhida de Amendoim no Nordeste
- Nº 04, Abr 2011 – Condição do Produtor em Relação às Terras no Nordeste
- Nº 05, Abr 2011 – Produção, Área Colhida e Efetivo de Uva no Nordeste
- Nº 06, Mai 2011 – Leite: A Produção Aumenta e o Lucro Diminui
- Nº 07, Maio 2011 – Manejo Florestal: uma possibilidade de parceria entre calcinadores e apicultores na Chapada do Araripe (PE)
- Nº 08, Maio 2011 – Caracterização do Sistema de Abate de Bovinos no Nordeste
- Nº 09, Maio 2011 – Valores Econômicos de Seleção para Bovinos Leiteiros no Semiárido do Ceará
- Nº 10, Julho 2011 – Aspectos da Produção e Mercado da Banana no Nordeste
- Nº 11, Julho 2011 – Condição do Produtor na Direção dos Estabelecimentos Agropecuários no Nordeste
- Nº 12, Agosto 2011 – Febre Aftosa: Doença que Provoca Grandes Prejuízos à Pecuária
- Nº 13, Setembro 2011 - Produção e Área Colhida de Soja no Nordeste
- Nº 14, Setembro 2011 - Produção e Área Colhida de Mamona no Nordeste
- Nº 15, Setembro 2011 - Recuperação da Carcinicultura Nordestina Pós-crise
- Nº 16, Setembro 2011 - Produção, Área Colhida e Produtividade do Milho no Nordeste